



ANAIS

**IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

**IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)**

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

PAIXÕES E DISCIPLINAS: O ESTOICISMO PRESENTE NO CULTO À DEUSA ÍSIS EM *O ASNO DE OURO*, DE APULEIO (II D.C.)

Bruna Carolina Monteiro (UEL-G)¹

396

Resumo: Apuleio, integrante da aristocracia da província romana de Madaura, escreve no século II d.C. a obra literária *O Asno de Ouro* ou *Metamorfoses*, que apresenta elementos estoicos. No livro XI da obra, Apuleio descreve o culto à deusa egípcia Ísis em Roma, a partir da conversão do narrador-personagem Lúcio ao culto isíaco. No processo de iniciação ao culto da deusa, Lúcio passa por uma jornada de aprendizagem com ensinamentos estoicos, até estar apto para ser aceito no culto religioso. A partir dos conceitos de Roger Chartier (1990), utilizando a obra literária como instrumento de análise, pode-se compreender os aspectos sociais da época em que a obra foi escrita, pois carrega indícios da interpretação do autor. Utilizando Leni Ribeiro Leite (2013), a divulgação e recepção da obra pelo público é fundamental para a compreensão dos objetivos de Apuleio com a criação de *O Asno de Ouro* ou *Metamorfoses*. Este trabalho tem por objetivo analisar como a filosofia estoica foi incorporada no culto isíaco do Livro XI, representando a própria crença e estilo de vida de Apuleio, que apresenta muito de seus pensamentos e visão de mundo na obra literária.

Palavras-chave: Apuleio. *O Asno de Ouro*. Estoicismo. deusa Ísis.

INTRODUÇÃO

A filosofia estoica foi fundada por Zenon de Cítio (336-264 a.C.), e se constitui como um movimento espiritual que foi muito divulgado do século III a.C., até ao ano 300 d.C., entre os povos do Mediterrâneo e da Ásia Menor, exercendo tanta influência quanto a religião. Ullmann (1996) afirma que por Zenon ser oriundo de Chipre, teve contato com lendas e mitos teológicos de muitos povos, o que o ajudou a formar a ideia estoica. A obra de literatura latina *O Asno de Ouro* ou *Metamorfoses* de Apuleio, escrita no século II d.C., apresenta alguns aspectos do estoicismo em sua narrativa, principalmente no Livro XI que descreve o culto à deusa Ísis em Roma.

O último livro da obra desperta debates sobre a intenção de Apuleio com a inserção do culto à deusa Ísis na narrativa. Duarte (2020) discorre que o culto isíaco pode ser interpretado como uma sátira aos cultos de mistério, ou como uma conversação filosófica e religiosa de Lúcio, que representa as crenças do próprio autor, levando em consideração que Apuleio se

¹ Graduanda do curso de História. Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail de contato: bruna.monteiro@uel.br

confunde com seu personagem Lúcio em alguns momentos da história. Por ser integrante da aristocracia e possuir conhecimentos eruditos, Apuleio estava em contato com a elite que propagava o estoicismo como filosofia de vida, quase religiosa, que concedia superioridade intelectual e social. Apuleio demonstra em sua obra ter incluído para si o comportamento estoico.

APULEIO E O ASNO DE OURO OU METAMORFOSES

397

Apuleio nasceu por volta de 125 d.C. e faleceu em 180 d.C., pertencente à aristocracia de Madaura (atual M' Daourouch, na Argélia), uma província romana. Falando três línguas, o púnico, o grego e o latim, teve uma educação privilegiada. Apuleio estudou em Cartago, Atenas e Roma, “boa parte de sua atividade como escritor está voltada para aproximar a cultura helênica da cultura latina, tendo estudado e traduzido autores gregos.” (DUARTE, 2020, p.8). Estudou gramática, retórica, filosofia, poesia, música e geometria, “a base da formação de um homem que deveria, como aristocrata, tratar dos assuntos políticos do Império e ocupar cargos públicos”. (SILVA, 2010, p.53). Seu texto mais conhecido na contemporaneidade é *O Asno de Ouro* ou *Metamorfoses*, mas Apuleio também se dedicou à “poesia épica e lírica, declamações e discursos para tribunais, tratados filosóficos, fisiológicos, sobre gramática e arquitetura” (DUARTE, 2020, p.07).

De acordo com Adriane Duarte (2020), entre 158 e 159 d.C., Apuleio visita um antigo companheiro de estudos em Oea (atual Trípoli). Ao se hospedar na casa do amigo, acabou se envolvendo com sua mãe, uma viúva rica com quem se casou com a aprovação do filho. Com a morte do filho pouco tempo depois, Apuleio foi acusado de ter utilizado magia para seduzir a matrona, e assim, Apuleio preparou sua própria defesa para ser apresentada nos tribunais. “O discurso que proferiu nos chegou com o título de *Apologia* e é a principal fonte de informações sobre sua trajetória acadêmica, que apresenta como principal prova de sua inocência”. (DUARTE, 2020, p.09).

O Asno de Ouro ou *Metamorfoses*, é datado depois de 160 d.C., ao final da vida de Apuleio, foi escrita originalmente em grego e posteriormente reescrita em latim pelo próprio autor, com algumas modificações no encerramento da obra. Não há como saber qual o título que Apuleio batizou sua obra, “*Metamorfoses* está anotado no códice de 395-397 d.C., primeiro registro conhecido do texto. [...] É mais conhecido, no entanto, como *O asno de Ouro*, denominação que lhe dá Agostinho de Hipona”. (DUARTE, 2020, p.9). A proximidade entre

as culturas grega e latina na vida de Apuleio demonstra a intensa troca cultural no período imperial, principalmente na região norte da África.

O livro conta a história de Lúcio, um jovem grego que viaja até a cidade de Tessália em busca de aprender artes mágicas. Ao chegar à cidade, bebe por engano a poção de uma bruxa e é transformado em um burro. Enquanto permanece como animal, é vendido e trocado por vários donos, o que o permite observar e escutar os humanos que o rodeiam. Dessa forma, acompanha como espectador a vida de várias pessoas em diferentes posições sociais do Império Romano, até conseguir reverter o feitiço. Ao decorrer do livro satírico, a narração se altera entre diversos personagens, com histórias independentes ou que possuem ligação uma com a outra, sempre tendo Lúcio em sua forma de burro como testemunha, e o leitor. Ao final da narrativa, Lúcio é transformado de volta em homem graças à deusa Ísis que o aparece em sonho, contudo, ela pede que Lúcio se inicie em seu culto em troca da reversão do feitiço. Após inúmeras provas e um longo processo de aprendizagem, ele é aceito como um dos seguidores da deusa.

Leni Leite (2013) comenta sobre o *recitatio*, que consistia na prática de leitura pública, que geralmente é recitada pelo próprio autor que fez a publicação da obra. No século II d.C., “as recitações ocorriam sob quatro formas: recitações privadas, recitações públicas, concursos literários - em que o texto era julgado a partir de uma leitura em voz alta” (LEITE, 2013, p.85). Dessa forma, entende-se que a obra satírica de Apuleio era lida na expectativa de despertar risadas no público, pois as novelas exploram temas que são contrários ao comportamento considerado ideal na sociedade romana da época. Paul Veyne (1985) argumenta sobre a elegia erótica:

Era essencial que a elegia tivesse por palco a “má” sociedade. a fim de que os poetas pudessem ser escravos e queixosos; amar sendo mestre e senhor era o privilégio do amor conjugal [...] esse mundo não será exemplar; não falará do narratário ao narratário, este não se sentirá nele “entre pessoas do mesmo mundo”; em suma, esse mundo não vai por si nem é evidente. Pois, nesse mundo, não se faz como todo mundo: aí ama-se fora do casamento, transgridem-se as proibições sexuais e as mulheres são mulheres de vida irregular. Atração ou horror, não importa: esse mundo diferente é glorificado pela sua própria irregularidade, e compreende-se que, por um contra-senso que é apenas parcial, a posteridade, desconhecendo o humor, tenha louvado a elegia erótica como o modelo da poesia que exalta o amor. (VEYNE, 1985. p.137).

De acordo com o conceito de representação de Roger Chartier (1990), Apuleio representa a sua visão de mundo em *O Asno de Ouro*, as temáticas do livro são determinadas de acordo com os interesses do autor, que é um homem pertencente à aristocracia da província

romana. E assim, as suas percepções do social não são neutras, produzem estratégias para impor ao público uma ideia de conduta. Para Chartier, ao analisar uma obra literária, compreende-se a visão de mundo que o autor da obra, e o grupo social ao qual pertencia, possuía e buscava impor na sociedade:

A noção de visão do mundo permite articular, sem os reduzir um ao outro, o significado de um sistema ideológico descrito por si próprio, por um lado, e, por outro, as condições sociopolíticas, que fazem com que um grupo ou uma classe determinados, num dado momento histórico, partilhem, mais ou menos, conscientemente ou não, esse sistema ideológico. (CHARTIER, 1990. p.49).

399

O século II d.C., conhecido como o século de Ouro do Alto Império Romano, é onde o Império Romano, sob o comando de Trajano, atinge sua maior extensão territorial. Roma assume o papel de agente integrador e unificador do mediterrâneo. Jean Brun (1986) afirma que com os governos de Trajano, Adriano e Antonino, no início do século II, “o clima intelectual parece mais favorável ao desenvolvimento da filosofia, uma vez que o estoicismo encontrará uma das suas últimas encarnações na pessoa de um imperador romano: Marco Aurélio.” (BRUN, 1986, p.22). Fantacussi (2006) discorre que Apuleio estaria formando seu pensamento religioso e filosófico durante o governo de Adriano (117-138 d.C.). De acordo com a autora, Adriano encorajou a expansão da religião egípcia, sob um viés helenizado, além de construir templos para a deusa Ísis e cunhado moedas com imagens da deusa egípcia. Esse encorajamento ao culto de Ísis, pode ser um dos motivos que levaram Apuleio a utilizar todo um livro de sua obra para descrevê-lo, além que o próprio Apuleio pode ter sido um dos seguidores da religião isíaca.

O ESTOICISMO PRESENTE NO CULTO À DEUSA ÍSIS

O estoicismo pretendia extirpar a sensibilidade do ser humano e valorizar a racionalidade, agir pelo coração representava algo digno de ser repreendido. Assim como, a abstinência e pureza do corpo também passa a ser exigido dos homens. Ullmann (1996) comenta que para os estoicos, a virtude poderia ser perdida pelo vício e pelo pecado, em consequência de o homem ceder às paixões que o impedem de pensar racionalmente. Brun (1986) argumenta que as paixões são consideradas doenças da alma para os estoicos, “tal como o nosso organismo está exposto a contrair uma constipação, uma artrite, etc., do mesmo modo a nossa alma pode estar doente; as doenças do corpo e da alma são fraquezas.” (BRUN, 1986, p.82). Essa visão

negativa das paixões está representada nos mitos gregos e romanos, em que a paixão é uma perturbação que controla o homem e o causa sofrimento.

No processo educacional romano, os membros da elite iam à escola na juventude e estudavam retórica, e alguns poderiam se identificar com alguma seita filosófica ao decorrer dos estudos. Veyne (1985) argumenta que fazer parte de uma seita filosófica incorporava status e respeito na sociedade, ler as obras dos autores e ter um preceptor de filosofia atesta sua elevação espiritual. Contudo, não basta ter um conhecimento teórico sobre os ensinamentos filosóficos, para aqueles que seguiam o estoicismo, por exemplo, era necessário pôr em prática os dogmas. “A filosofia acabou sendo uma parte da vida cultural, de suas pompas e de suas obras, e todos acorriam às muito eloquentes conferências públicas de certos grandes tenores do pensamento.” (VEYNE, 1985, p.218).

O puritanismo masculino estava mais restrito a elite romana que gostaria de se diferenciar do restante da população, contudo, Peter Brown (1985) argumenta que muitos membros da aristocracia manifestavam um outro comportamento quando relacionado com os inferiores, já que aqueles que não faziam parte da elite não diziam respeito à moral estoica e poderiam aproveitar mais livremente os seus prazeres, “uma sucessão de espetáculos, comodidades e decorações cujas crueza e franca obscenidade contrastam de modo flagrante com o autocontrole altaneiro que esses homens se arrogaram com o sinal de sua condição superior”. (BROWN, 1985, p.234). Assim, *O Asno de Ouro*, com suas temáticas norteadas por erotismo e paixões descontroladas, estava voltada para um público que não necessariamente seria seguidor do estoicismo. As novelas da obra dizem respeito a essa camada popular que não era culta e filosófica, mas sim praticante de leviandades e luxúrias, no olhar da aristocracia.

Peter Brown (1985) argumenta que nas cidades das épocas dos Antoninas, o poder imperial pesava principalmente sobre os súditos da classe superior e as cidades pequenas estavam sob constante vigilância. Dessa forma, a disciplina e a solidariedade das elites locais eram imprescindíveis para a boa relação com Roma, “é o preço a pagar para manter o *status quo* da ordem imperial. Daí a profunda mudança da atitude com relação aos cônjuges no decorrer do século II.” (BROWN, 1985, p.237). Apuleio, pertencente à elite de uma província romana, descreve uma lealdade e sentimento de orgulho ao governo imperial em sua obra. Em uma das cenas de iniciação de Lúcio ao culto de Ísis, o grupo dos pastóforos, que é o nome do sacrossanto colégio, homenageia o poder imperial antes de iniciar o culto religioso:

E então, um deles, que todos chamavam de Gramático, em pé, diante da porta, convocou, como em assembleia, o grupo dos pastóforos, que é o nome do

sacrossanto colégio, e lá mesmo, do alto do estrado, de acordo com um texto escrito, pronunciou primeiro os votos de prosperidade para o príncipe soberano, o senado, a ordem equestre, todo o povo romano, os navegadores que, no mundo inteiro, estão sob a lei do nosso império. (APULEIO, 2020. p.447. Livro XI).

A superioridade em relação ao conhecimento filosófico pode ser percebida quando Osíris aparece em sonho para Lúcio, e o avisa para que continuasse na carreira de advogado após a iniciação ao culto de Ísis. O deus diz a Lúcio que seus conhecimentos são eruditos demais para que continue tendo relação com pessoas inferiores, e o alerta para que “[...] não temesse as maledicências invejosas, provocadas naquele meio por meu trabalho erudito e minha cultura. Por fim, não me quis mais ver misturado ao comum dos mortais, no exercício de seu culto”. (APULEIO, 2020, p.465. Livro XI).

Ao longo do século II d.C., Paul Veyne (1985) afirma que a nova moral romana, caracterizada pelo ideal do estoicismo, se difunde principalmente entre a aristocracia. No que concerne à sexualidade, “O sexo certamente não é um pecado, mas um prazer; só que os prazeres constituem um perigo, assim como o álcool. Portanto, pela saúde, é necessário limitar seu uso e, ainda mais prudente, abster-se por completo”. (VEYNE, 1985. p.38-39). Ao conhecer mais sobre o culto de Ísis, Lúcio demonstra uma preocupação com a abstinência sexual e de certos alimentos que foi exigida para o culto da deusa, que pregava a castidade e abstenção de alimentos profanos como elemento fundamental para atingir a pureza da alma:

Tinha tido o cuidado de me informar das dificuldades do santo ministério, do rigor de suas castas abstinências, do conjunto de precauções de que se deve cercar uma vida exposta a muitos incidentes, e, refletindo sem cessar a respeito dessas coisas, não sei como, apesar da minha pressa, diferia. (APULEIO, 2020, p.449. Livro XI).

Outro momento em que a abstinência é representada na obra, está presente quando Lúcio é avisado sobre a necessidade de renunciar a sua riqueza e vender até mesmo a roupa do corpo. Para ser aceito no culto da deusa Ísis, é exigido renunciar a seus bens materiais e viver de forma simples e benevolente, de acordo com a natureza. Ao Lúcio se mostrar temeroso em relação à venda de suas vestes, um dos integrantes do culto chama a sua atenção sobre o prazer que controla o comportamento humano, “se tivesse planejado conseguir algum prazer, não te importarias com a venda de tuas roupas, e quando se trata de um ato solene. hesitas em te expor a uma pobreza que não terás que lamentar?” (APULEIO, 2020, p.463. Livro XI).

A moral e ética estoica propagada entre a aristocracia romana dizia respeito a um medo do comportamento leviano por parte dos jovens, Veyne (1985) argumenta que havia uma

preocupação por parte dos juristas que os jovens que ainda não haviam recebido a herança do pai, pedissem inúmeros empréstimos para gastar com prazeres, então “casar cedo equivalia também a um certificado de juventude não depravada.” (VEYNE, 1985, p.40). Observa-se uma condenação por parte de Apuleio a juventude que se deixa levar pelas paixões e prazeres. No processo de iniciação ao culto de Ísis, a deusa comenta sobre a juventude voluptuosa de Lúcio que lhe trouxe consequências, como por exemplo, se deixar levar por uma paixão com uma escrava que lhe deu a poção que o transformou em asno. Apesar de tudo, a trajetória de Lúcio o levou ao caminho benevolente da deusa, o que pode ser interpretado como a juventude que passa a seguir a moral e comportamento estoico:

Nem teu nascimento, nem teu mérito, nem mesmo a ciência que floresce em ti te serviram. As tentações da verde juventude te fizeram escolher volúpias servis. Tua fatal curiosidade te valeu amarga recompensa. No entanto, a cegueira da Fortuna, expondo-te aos sustos mais angustiosos, te conduziu, apesar de tudo, na sua malícia imprevidente, a esta religiosa felicidade. (APULEIO, 2020, p.443. Livro XI).

A mudança social do século II d.C. passou de uma moral cívica para uma moral do casal. Para Veyne (1985) “A primeira moral dizia: “Casar-se é um dos deveres do cidadão”. A segunda: “Quem quer ser um homem de bem só deve fazer amor para ter filhos; o estado do casamento não serve aos prazeres venéreos”. (VEYNE, 1985, p.48). A nova moral vê o casamento como algo além do que só uma formalidade necessária para gerar filhos legítimos, eles pregam que o esposo e a esposa devem viver juntos como parceiros, amigos que compartilham a vida de maneira racional, “na velha moral cívica, a esposa era apenas um instrumento da função de cidadão e chefe de família; fazia filhos e aumentava o patrimônio. Na segunda moral, a mulher é uma amiga; tornou-se a ‘companheira de toda uma vida’”. (VEYNE, 1985, p.49). Contudo, a documentação histórica é muito restrita à elite romana, consequentemente, pouco se sabe sobre o casamento e a moral entre esposos e esposas camponeses e comerciantes.

Peter Brown (1985) destaca a *concordia* e a *homonoia* (união) do bom casamento, virtude política e social em Roma. Brown argumenta que com a mudança social, o casamento passa a ser uma missão civilizadora do comportamento dos “bem nascidos”, o esposo e esposa representam uma ordem cívica. As relações de “homem e mulher refletem a cortesia grave e a lealdade incondicional por sua classe com as quais o homem poderoso deve ao mesmo tempo abraçar amorosamente sua cidade e confrontá-la firmemente”. (BROWN, 1985, p.239).

Para Vanessa Fantacussi (2006), as aventuras vividas por Lúcio são uma metáfora

da vida do próprio Apuleio, pois passa por várias provações até ser salvo pela religião, a partir da iniciação no culto da deusa Ísis. “[...] do livro I ao X, Lúcio passará por um processo de aprendizagem, onde somente no final estará pronto para servir a deusa”. (FANTACUSSI, 2006, p.53). Para Ullmann (1996) uma das bases da ética estoica é a distinção entre as coisas, que dependem de nós e as que não dependem de nós. Ao saber diferenciar esses dois aspectos o homem “descobre as causas dos males que o afligem e, ao revés, a paz da consciência, a justiça e a filantropia. Assim sendo, é mister suportar as coisas exteriores - que independem de nós - sem murmurar.” (ULLMANN, 1996, p.99). Esse pensamento pode ser interpretado na jornada de Lúcio até a salvação pela deusa Ísis, todo o sofrimento na vivência como asno estava no destino de Lúcio para que ele aprendesse sobre si mesmo, e ao final, estivesse pronto para os segredos do culto isíaco. Se não tivesse passado por todas as provações necessárias, Lúcio não teria sido escolhido por Ísis como um de seus fiéis.

A narrativa do livro XI representa a religiosidade particular de Apuleio, Fantacussi (2006) afirma que “A iniciação é compreendida como o ritual pessoal do próprio autor, colocando a deusa Ísis como única e universal, acreditando que todas as divindades sejam a mesma, que considera Ísis.” (FANTACUSSI, 2006, p.78). A crença de todas as divindades serem a mesma pode ser observada na filosofia estoica, Ullmann (1996) discorre que o filósofo estoico Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) cultuava divindades particulares, mas vi-as como atributos de Júpiter, que seria a divindade suprema. “Podiam, pois, ser-lhes oferecidos sacrifícios, nos altares. Mas ele sabia que, na realidade, se destinavam ao ser superior. As chamadas divindades antropomórficas nada mais eram do que atributos do Grande Zeus”. (ULLMANN, 1996, p.20). No livro XI de *O Asno de Ouro*, Ísis se apresenta para Lúcio da seguinte forma:

Potência única, o mundo inteiro me venera sob formas numerosas, com ritos diversos, sob múltiplos nomes. Os frígios, primogênitos dos homens, me chamam deusa-mater, e deusa de Pessinunte; os atenienses autóctones, Minerva Cecropiana; os cipriotas banhados pelas ondas, Vênus Pafiana; os cretenses portadores de flechas, Diana Ditina; os sicilianos trilingues, Prosérpina Estígia; os habitantes da antiga Elêusis, Ceres Ática; uns Juno, outros Belona; este Hécate, aqueles Ramnúsia. Mas os que o sol ilumina com seus raios nascente, quando se levanta, e com seus últimos raios, quando se inclina para o horizonte, os povos das ditas Etiópias e os egípcios poderosos por seu antigo saber, honram-me com o culto que me é próprio, chamando-me pelo meu verdadeiro nome: rainha Ísis. (APULEIO, 2020, p.433. Livro XI).

No livro XI, Osíris aparece em sonho e afirma que um cidadão de Madaura lhe seria enviado, contudo, Lúcio é descrito como um jovem grego no início da história, quem é de Madaura é o próprio Apuleio. No sonho, o deus avisa que um futuro grandioso estaria a frente

desse cidadão de Madaura, mostrando que a confusão entre autor-personagem pode ter sido proposital, para representar a crença do próprio Apuleio na religião:

[...] o grande deus, este, com sua própria boca, que dita a cada um o seu destino, informara-o de que um cidadão de Madaura lhe seria enviado, homem muito pobre, em verdade, e que ele deveria, sem tardança, iniciá-lo em seu culto, pois sua providência reservava àquele homem uma gloriosa fama literária, e um lucro considerável a ele próprio”. (APULEIO, 2020, p.463. Livro XI).

Outro comportamento estoico encontrado em *O Asno de Ouro* é a crença na vida após a morte para aqueles que merecem, Ullmann (1996) afirma que no pensamento de Sêneca “A sobrevivência eterna é para aquelas almas que souberam elevar-se, pela razão, acima da animalidade e do mundo do instinto. As outras almas são arrastadas novamente para o ciclo da matéria de que, aliás, jamais se libertaram”. (ULLMANN, 1996, p.25-26). Uma das promessas que a deusa Ísis faz a Lúcio é que se ele for obediente e puro “[...] conhecerás que só eu tenho o poder de prolongar também tua vida para além dos limites fixados por teu destino.” (APULEIO, 2020, p.435. Livro XI). Dessa forma, “[...] O estoicismo prescrevia que, à força de exercícios de pensamento, o adepto se instalasse num estado de espírito heroico e inatingível.” (VEYNE, 1985, p.214-215). Os estoicos propunham uma receita para viver sem temer os homens, os deuses e a morte.

CONCLUSÃO

A filosofia estoica propagada entre a elite romana no século II d.C., com sua valorização do racionalismo e reprovação às paixões se mostra um dos alicerces no qual Apuleio constituiu sua obra, *O Asno de Ouro* ou *Metamorfoses*. Por ser oriundo de uma província africana, e com conhecimentos e vivências de vários locais do Império Romano, Apuleio representa a grande diversidade cultural presente no século II da era cristã. O culto à deusa Ísis, fortemente promovido por Adriano (117-138 d.C.), encontrou muitos fiéis em território romano, muito provavelmente, Apuleio era um deles. As descrições presentes do culto isíaco na obra literária apresentam características que podem ser consideradas do pensamento estoico, como a crença no Deus único, a abstinência sexual para ambos os sexos, vida após a morte, e pobreza como sinônimo de humildade.

REFERÊNCIAS

APULEIO. **O Asno de Ouro**. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2020. Título original: *Asinus aureus*.

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. v.1. p. 225-300.

BRUN, Jean. **O estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II** - representações nas *Metamorfoses* de Apuleio. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciência e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista, 2006. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93450/fantacussi_va_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 de Out. 2021.

LEITE, Leni Ribeiro. Difusão e recepção das obras literárias em Roma. In: LEITE, Leni Ribeiro; SILVA, Gilvan Ventura (org.). **As múltiplas faces do discurso em Roma**: textos, inscrições, imagens. Vitória: EDUFES, 2013. p. 83-100.

SILVA, Semíramis Corsi. O contexto geográfico-cultural apresentado na Apologia de Apuleio: a África Romana no II século d.C. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**. No. 005, 2010, pp.38-58. Disponível em: http://antiguidadeclassica.com.br/website/edicoes/quinta_edicao/semiramiscorsi.pdf. Acesso em: 15 de Set. 2021.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **O estoicismo romano**: Seneca, Epicteto, Marco Aurelio. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana**: o amor, a poesia e o ocidente. São Paulo: Brasiliense S.A, 1985.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. v.1. p. 19-224.

* * * * *